

A Multidimensionalidade das Manifestações Culturais: o Sagrado e o Profano no Contexto das Folias de Reis

The Multidimensionality of Cultural Manifestations: the Sacred and the Profane in the Context of Folias de Reis

Paulo Sérgio da Silva*

Resumo

Partindo do pressuposto de que os estudos das manifestações culturais, inclusive no campo do turismo, passam, necessariamente, pela compreensão das condições históricas dos agentes que as criam e sustentam, este artigo aborda algumas dimensões presentes em uma rica manifestação cultural popular brasileira, as Folias de Reis. Com base num estudo de um grupo de foliões do bairro rural Caldas, no município de Jacuí, Estado de Minas Gerais estabelece reflexões acerca das divisões e interações entre o sagrado e o profano, feitas pelos atores sociais e agentes culturais no contexto desta manifestação religiosa popular.

Palavras-chave: Cultura. Cultura popular brasileira. Folias de Reis. Sagrado e Profano.

Abstract

Starting from the estimate that the studies of cultural manifestations, including the field of tourism, pass, necessarily, through the understanding of the historical conditions of the agents that create and support them, this article approaches some dimensions present in a rich Brazilian popular cultural manifestation, the *Folias de Reis*. Based in a study of a group of *foliões* (partiers) of the agricultural province Caldas, in the county of Jacuí, State of Minas Gerais, it establishes reflections concerning the divisions and interactions between the sacred and the profane, made by the social actors and cultural agents in the context of this popular religious manifestation.

Keywords: Culture. Brazilian popular culture. Folias de Reis. Sacred and profane.

* Doutor, Mestre e Bacharel em História e Bacharel em Direito pela Universidade Estadual Paulista – Faculdade de História, Direito e Serviço Social. Professor substituto das disciplinas “Legislação aplicada ao Turismo” e “Direito Aplicado”, junto ao curso de Turismo da Universidade Estadual Paulista – Campus Experimental de Rosana. E-mail: paulounesp@yahoo.com.br

Introdução

Os profissionais das ciências humanas, em especial o pesquisador do turismo, ao trabalhar ou estudar as manifestações culturais devem estar cientes de que adentram e/ou tratam com um campo denso e plural. É necessário conscientizar-se de que para além do que vê e ou capta objetivamente, por exemplo, nas coreografias executadas, nas alegorias utilizadas, nas palavras e nos gestos cerimoniais e rituais realizados existem diversas estruturas de sentidos que ordenam e dão significado às práticas culturais. Estruturas de sentidos que somente tornam-se inteligíveis quando o primeiro ato do analista ou do profissional volta-se para a busca do humano, ou seja, quando o seu olhar foca os sujeitos, uma vez que é somente por e a partir dos agentes culturais, individuais e coletivos, que as práticas culturais formam, consolidam-se, recriam-se e é somente em virtude de suas atuações que elas se convertem em identidade cultural.

Portanto, é preciso conscientizar-se de que é possível descrever fatos isolados de uma dada manifestação cultural sem enxergar o grupo social que a cria e mantém. Mas, que é impossível compreender o real sentido de tais práticas, a não ser por meio de sua explicação pelos seus produtores: ou seja, através dos homens e de sua condição de vida, isto porque por si só a cultura enquanto prática não existe sem os homens, ela é parte de um mundo constituído por sujeitos singulares e plurais. Em suma, uma eficaz compreensão das manifestações culturais somente torna-se possível por meio da historicidade que é inerente aos atores e sujeitos individuais e coletivos que a constituíram (em) enquanto prática social.

Considerando-se tais pressupostos e com o fito de evidenciar a pluralidade destas estruturas de sentidos, o presente texto reporta-se a algumas dimensões de uma prática cultural muito difundida na região sudeste e centro-oeste do Brasil. Aborda a “Folia de Reis”, um sistema de crença popular formado por uma trama ritual e simbólica socialmente elaborada por um conjunto de indivíduos.

Compete esclarecer que diante da amplitude e da riqueza das práticas culturais populares “as tarefas que os estudiosos podem assumir de cada vez são pequenas, são iniciativas locais, pontuais e há de se ter a humildade de aceitar isso”.¹ Deste modo, a

¹ MAYER, Marlyse. *Caminhos do imaginário no Brasil*. p. 42.
Dialogando no Turismo Rosana v. 1 n. 4

pesquisa² que serve de sustentáculo às informações e considerações aqui propostas foi feita no município de Jacuí, Estado de Minas Gerais³. Contudo, apesar de tal delimitação geográfica no trabalho de campo, deparou-se com um campo plural, pois este município reúne 09 grupos, exclusivamente rurais, os quais apresentam alguns elementos comuns e outros específicos, confirmando a assertiva de que a “a cultura popular não é monolítica, nem homogênea e sim extremamente variada”.⁴ Assim sendo, diante dessa diversidade e da complexidade de elementos, componentes e múltiplas faces encontradas nesta manifestação cultural popular selecionou-se, como grupo de estudos, a Folia de Reis do bairro rural Caldas, escolhida pelo seu tradicionalismo, pela riqueza e variedade de seus rituais e de suas cantorias.

Constatou-se, ao término do trabalho, que a Folia de Reis é uma manifestação cultural religiosa que, revestida de uma rede de significados culturais, sociais e religiosos, cria e reforça uma identidade religiosa onde se encontram o individual e o coletivo, o consciente e o inconsciente, o estrutural e o conjuntural, a realidade social e a crença.

Por trata-se de um fato sócio religioso que possui uma diversidade de componentes, entre os quais destacam-se aspectos ligados à esfera festiva, religiosa, identidade e imaginário social, vinculados, indiscutivelmente, aos seus atores culturais, é inviável contemplá-lo em todas as suas dimensões no presente texto. Dessa maneira, concentrar-se-á, aqui, na interação entre o sagrado e o profano, entre fé e diversão, crença e riso, reverência e burla no contexto desta rica manifestação da cultura popular brasileira no sentido de evidenciar que por detrás das práticas culturais estão sempre os homens no constante ato de criar e sustentar uma verdadeira teia de sentidos.

² Metodologicamente o estudo alicerçou-se numa pesquisa documental e bibliográfica sob o prisma de uma investigação interdisciplinar, característica da História Cultural, recorrendo-se a Antropologia, a Sociologia, a História, a Filosofia e a literatura. Foi feito, inclusive, o uso da metodologia da História Oral para apreender as imagens e representações devocionais e os significados dos diversos rituais festivos e utilizadas, ao lado das fontes escritas e orais, fontes sonoras e iconográficas: gravações em fitas cassetes e fitas de vídeo assim como de fotografias, respectivamente, utilizadas para buscar a musicalidade da folia e para fornecer pistas acerca das formas simbólicas que acompanham a Folia, aspectos ligados ao imaginário religioso, tais como: indumentária, jogos de olhares, posturas e outros índices captados pelas imagens, capazes de auxiliar na análise e compreensão do objeto em estudo.

³ Tratou-se de uma pesquisa de iniciação científica, financiada por bolsa do CNPq, dentro do Programa PIBIC/UNESP/CNPq, orientada pela Prof^a. Dr. Maria Aparecida da Veiga Gaeta e realizada no período de agosto de 1997 a julho de 1999.

⁴ BURKE, Peter. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento*. g. 41.

O Sagrado e o Profano: entre a oposição e a sincronia

Sagrado e profano, categorias de conhecimento e de apreensão do real no domínio religioso, regularmente são tidos como domínios opostos, numa relação de constante contradição. Rotineiramente são citados como duas categorias diferenciadas, radicalmente opostas, como gêneros apartados, dois mundos entre os quais não há nada em comum e cujas energias vitais não são simplesmente distintas, mas de naturezas diversas. Sob este prisma, sagrado e profano não são apenas concebidos como separados, mas como hostis e ciosamente rivais um do outro, num entendimento de que somente pode-se pertencer plenamente a um com a condição de se ter inteiramente saído do outro.⁵

Contudo, apesar desta oposição conceitual no contexto das manifestações culturais, o sagrado e o profano exercem implicações mútuas, nem sempre sob a égide da oposição, mas, não raras vezes, sob a lógica da complementaridade. Tal interação é evidente no universo das Folias de Reis, em que a relação entre sagrado e profano não encarna a dimensão de uma contradição insuperável, onde um extremo não anula o seu concorrente, mas assume uma dialética de oposição e de interação em que embora cada categoria detenha domínios específicos - objetos, espaços, gestos e falas – institui-se entre elas uma relação intrínseca e vital. Ao final, percebe-se que no contexto desta prática cultural, tais domínios implicam-se e condicionam-se mutuamente, coexistem e se complementam numa relação baseada em intercâmbios, implicações e trocas construindo uma lógica de mesclagem.

Vale lembrar que sagrado e profano são categorias ontológicas cuja construção é essencialmente cultural. A indexação de gestos, ações, comportamentos e objetos sob tais categorias é obra humana, nitidamente histórica. Basta compararem-se os vários sistemas de crenças e, imediatamente, verificam-se as divergências entre as classificações ontológicas de idênticas ações, gestos e objetos: não raras vezes, o que é considerado profano por indivíduos ligados a uma prática religiosa é sagrado para pessoas pertencentes a outro sistema de crença e vice-versa.

O fato é que a inserção de um objeto, gesto, ação e/ou comportamento em um outro domínio não se refere à substância em si do objeto ou da realidade que é considerada, trata-se de um ato da vontade humana. Uma pedra sagrada nem por isso é menos uma pedra, aparentemente (do ponto de laico) nada a distingue de todas as demais pedras. O que

⁵ DURKHEIM, Emile. *As Formas Elementares da Vida Religiosa*. pp. 70-71.

transmuda a sua realidade é o olhar e o fazer daqueles para os quais ela se “tornou” sagrada, é graças a eles que ela detêm uma potência diferenciadora, uma eficácia e um significado extraordinário que a diferencia do que é simplesmente matéria ou realidade.⁶

A “indexação”, a distribuição de objetos, ações, falas e/ou gestos entre as dimensões sagradas e profanas, típicas dos sistemas religiosos, é obra essencialmente sócio cultural, cujo entendimento passa, necessariamente, pela teia de sentido construída pelos atores. Situação que não é diferente no universo da Folia de Reis.

É indiscutível que o sagrado e o profano, no contexto da Folia de Reis, são efetivamente resultados de construções sócio-culturais, ou seja, deriva de uma produção de sentidos, executada pelo grupo de foliões e devotos que cataloga e indexa gestos, ações, falas, objetos e comportamentos, distribuindo-os entre uma e outra esfera. Assim também é válida a constatação de que estes domínios são categorias fundamentais que servem, no contexto desta prática cultural, para a ordenação de objetos, gestos, ações, rituais e comportamentos, embora entre ambos não predomine uma oposição insuperável, uma vez que elas operam, entre si, sob uma lógica de mesclagem. A divisão entre sagrado e profano, no contexto da Folia de Reis, não deixa de ser estabelecida e sustentada, o diferencial, entretanto, encontra-se na forma e nos modo de interação e de relacionamento entre os objetos, gestos, ações, falas e comportamentos distribuídos sob tais categorias no contexto dessa prática cultural religiosa popular.

Símbolos e dimensões do sagrado na Folia de Reis

A **bandeira** é o símbolo sagrado por excelência. É o elemento valorativo central por meio do qual se identifica permanentemente a Folia com os Três Reis Magos. Ela é a espinha dorsal nas cerimônias e rituais religiosos processados durante os vários momentos desta manifestação cultural religiosa popular, quer seja na saída, no decorrer do giro ou na chegada. A cerimônia da **saída** dá início a reconstrução da viagem dos magos feita pelo grupo de foliões, ocorre na noite do dia 24 para 25 de dezembro na casa do festeiro. Nesta oportunidade, aproximadamente 300 pessoas participam das rezas em comemoração ao nascimento de Jesus Cristo, a lapinha, as quais iniciam-se, as 23:00 horas do 24 de dezembro

⁶ ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. p. 18.

e estendem-se até as 0:15 minutos do dia 25 do mesmo mês. Na seqüência, neste mesmo local, os foliões aglomeram-se e de posse de seus instrumentos, tendo a sua frente a bandeira, dão início as suas cantorias, inaugurando o ciclo anual da Folia de Reis. Rotineiramente, o ambiente é agradável e festivo, todos aparentam ter se aprontado para estar na festa, sem exageros, mas com requintes de limpeza, sendo que ao final das atividades cerimoniais da saída, nas primeiras horas do dia 25, é servido aos presentes um lauto banquete. O **giro** constitui-se no ritual mais extenso em duração temporal da Folia de Reis, vai do dia 25 de dezembro ao dia 05 de janeiro do ano subsequente. É uma jornada peregrinatória que representa, simbolicamente, a viagem dos Três Magos rumo a Belém e que propicia diversas formas e ocasiões para a expressão da crença nos Magos através de gestos, cantos e danças, realizados por foliões e devotos, durante o seu transcurso.

Tal jornada peregrinatória implica um deslocamento real, isto é, um percurso efetivo de cerca de 65 Km realizado no decorrer dos onze dias no quais o giro tem lugar, o qual envolve um grande número de casas de devotos visitados, propiciando o estabelecimento de uma rede de contatos sociais.

Possibilita, também, um deslocamento simbólico religioso, pois por meio da realização desta caminhada tem lugar uma espécie de procissão que permite o encontro entre as devoções individuais de foliões e de devotos com a crença coletiva, ou seja, com a devoção comum ao grupo, ao passo que, mostra-se, ainda, como uma oportunidade de diversão e um meio capaz de sedimentar os laços sociais estabelecidos entre os atores culturais que congrega no espaço pelo qual a Folia circula.

O grupo de foliões constituiu-se de 22 homens, trabalhadores e pequenos proprietários rurais, que se revezam nas 10 colocações observadas na Folia de Reis daquela localidade, a saber: Embaixador, 02 palhaços, 06 vozes para compor a seqüência vocal das cantorias e o bandeireiro responsável pela bandeira.

O **embaixador** lidera a jornada, é a autoridade máxima no grupo, dirige as cerimônias de visitas às casas dos devotos e inicia as cantorias. É uma figura de destaque constante, a quem cabe além da liderança das cantorias, todo o gerenciamento do grupo, tomando decisões tais como: horários de início e término do giro diário, casas de refeição, pouso, posição dos músicos e cantores nas cantorias, etc.

Os **palhaços**, sempre em dupla, invariavelmente mascarados e com roupas coloridas em tons fortes, carregam um chicote, cabendo-lhe a responsabilidade pelos elementos picarescos: danças desengonçadas, gracejos com as crianças e outras atividades ligadas ao riso e as brincadeiras constantes.

Já os **cantores** ajudam a compor as vozes e escalas musicais nas cantorias e são os responsáveis pelos instrumentos musicais (violas, pandeiros, bumbo, sanfona e violão) e encontram-se divididos na seguinte ordem: primeira voz (Embaixador), segunda voz (Respondão e Ajudante), completadas pelo Contraste, Tala, Contra-Tala e Despono.

Finalmente, existe na organização e realização da Folia de Reis, o festeiro e a denominada “Folia Invisível”.

O **festeiro** é o responsável dentre outras coisas: pela parte material da festa, por ceder a sua residência para a realização do cerimonial de saída e a Festa do dia 06 de Janeiro. É escolhido anualmente, podendo ser folião ou não, de forma consensual, quando a vontade e a disposição do devoto em “fazer a festa” é decorrente de algum tipo de promessa aos Santos Reis, ou por sorteio, entre o conjunto de interessados que se dispõem a organizar a festa por mera diversão.

Já a “**folia invisível**” é constituída por aqueles que prestam serviço à cerimônia, mas não são “foliões oficiais”. Compõem-se de mulheres, que trabalham na cozinha e que são as responsáveis pelo preparo dos alimentos servidos por ocasião da saída, nos almoços e jantares ao longo do giro e pelo banquete fornecido na festa da chegada, pelo jovens e adolescentes responsáveis pela decoração do espaço festivo e por homens que não sendo músicos ou cantadores ajudam na organização e preparativos da festa.

A bandeira o símbolo sagrado primordial ao qual se dispensa, constantemente, respeito e reverência nas cantorias e nos gestos de foliões e devotos.

Nos dizeres do folião:

A bandeira é a imagem de Santos Rei(sic) e nós leva ela para lembrar sempre que eles são nossos guias e nosso exemplo maior.⁷

⁷ Carlos Aparecido Rodrigues – Embaixador.
Dialogando no
Turismo

Trata-se de um retângulo de tecido impermeabilizado no qual se encontra pintada a figura dos Três Reis oferecendo presentes ao menino Jesus amparado nos braços de Nossa Senhora que tem, ao seu lado, São José. Ela é enfeitada com fitas coloridas e flores que são afixadas pelos devotos e encontra-se presa horizontalmente em uma haste de madeira aos moldes de um estandarte de escola de samba, sendo levada à frente do grupo de foliões pelo bandeireiro.

Enquanto símbolo sagrado, a imagem retratada na bandeira evidencia uma ontologia: remete aos Reis Magos e a sua viagem de adoração ao Menino Jesus, ação originária que fundamenta o sentido contemporâneo da Folia, ou seja, justifica-a e dá-lhe sentido. Simultaneamente, traduz uma cosmologia ao evidenciar uma forma de relação do homem com o divino. A adoração dos Magos, retratada na estampa, tem um simbolismo ampliado destinado a todos os seres humanos ao veicular e reforçar a necessidade e a pertinência de uma relação de piedade, subordinação e submissão entre homens e divindade, representação cujo valor é tido como universal. Quem está prostrado e/ou deve curvar-se diante da “Deus Menino” não são somente os Três Reis Magos, mas toda a humanidade, ontem, hoje e sempre.

Um segundo elemento inserido nas subdivisões ontológicas da Folia de Reis refere-se às porções de espaços. O primeiro recorte dimensional diferenciado e observado trata-se do espaço no qual localiza o presépio, que representa simbolicamente a Manjedoura de Belém. Usualmente, ele é montado na sala de visitas na casa do festeiro, fato que a torna um ambiente qualitativamente diferenciado do restante da residência e de sua parte externa.

A aceitação e a validação dessa transmutação simbólica são corroboradas por intermédio de gestos sutis de foliões e de devotos expressos por eles através de sinais da cruz, orações diante das imagens e pelo gesto de curvar-se em sinal de reverência, sempre que ali adentram. Percebe-se, portanto, neste universo simbólico que ao entrar na sala de visitas da residência do festeiro, foliões e devotos não se inserem apenas numa repartição de uma casa alheia, penetram, na própria “manjedoura de Belém”, colocam-se diante do sagrado ante o qual se faz necessário respeito e reverência.

Contudo, o fato deveras curioso é que a transmissão da sacralidade operada graças ao componente sagrado (presépio) restringe-se ao cômodo no qual este se situa; nos demais espaços da casa, assim como na parte externa à residência, o ambiente continua profano e permanece como o domínio da festa, das brincadeiras, da irreverência.

Durante o giro, as distinções entre os espaços sagrados e profanos serão atualizadas em cada casa visitada, sendo que o princípio básico de tal separação é dado pela relação entre interior/exterior: entre a sala de visita onde se realizam as cantorias e gestos devocionais e o ambiente externo da residência, ou seja, as suas varandas e quintal. Tal diferenciação resulta num conjunto de ações e comportamentos específicos os quais são lícitos ou ilícitos em cada um dos domínios: a seriedade, a concentração e o respeito são exigidos de forma constante e invariável na sala de visitas, enquanto que nas varandas e quintal continuará a reinar as brincadeiras do universo profano, demonstradas em ações individuais ou coletivas.

Tal caracterização entre espaço sagrado e profano em cada uma das casas visitadas durante o giro opera-se de forma semelhante àquela distinção entre os ambientes internos e externos havida na casa do festeiro. Se nesta a sacralidade do espaço é conferida pelo presépio, naquelas a diferenciação liga-se à presença da bandeira e ao próprio “fazer” (realização das cantorias devocionais) que os foliões, representantes dos reis magos, executam nas salas de visita de seus devotos.

Por sua vez, considerando-se o recorte temporal de 13 dias (de 25 de dezembro a 06 de janeiro) no qual a Folia de Reis tem lugar adentra-se em mais uma dimensão do sagrado, o tempo. Nestes dias a comunidade vivencia um período excepcional, no qual a presença de um evento festivo religioso, a Folia de Reis, torna-o um tempo carregado de sacralidade.

Trata-se da retomada de um tempo mítico primordial que, rotineiramente, é tornado presente por meio desta festa religiosa e no qual o grupo social sai da duração temporal “ordinária” e reintegra-se a um tempo sagrado re-atualizado pela folia. Por intermédio dela reencontra-se o tempo inicial, tal qual ele foi fundado no momento de sua aparição e santificado naquela oportunidade pela presença e pela atividade divina. Em certo sentido, a temporalidade da Folia de Reis reproduz e re-introduz foliões e devotos na temporalidade de seu suposto evento originário: a viagem dos Magos.

Nos dizeres do Embaixador do grupo:

Os Santos Reis representam a viagem que fizeram quando foram visitar o menino Jesus, hoje, eles estão retratados na bandeira, e nós estamos acompanhando aquele retrato para **reviver** aqueles acontecimentos.

Ou seja, a Folia de Reis, durante estes treze dias, re-estabelece um tempo sagrado primicial, a temporalidade da viagem dos Reis Magos, revivendo simbolicamente este percurso epifânico. Recupera o tempo (sagrado) fundado pela aparição desta realidade, nas palavras do embaixador ela permite a eles “reviver” a viagem dos Reis em busca do Deus Menino.

As esferas do profano: a bebida, a burla, o riso e o pícaro

Na Folia de Reis, o riso e os elementos pícaros evidenciam-se por meio de brincadeiras e trocas lúdicas realizadas entre foliões, devotos e participantes nos seus diversos momentos. Eles encontram-se ligados ao sentimento dionisíaco da vida, à alegria do vinho e da aguardente, ao entusiasmo, à festa e à imaginação no ato de quebrar a rotina.

Ali a bebida é um componente constante, sendo fartamente oferecida sob a forma de vinhos, aguardente, quentão e caipirinha, no dia da saída, na grande maioria das casas visitadas e no dia da chegada. Diante das contínuas oportunidades de consumo, criadas graças à oferta abundante, o controle da quantidade ingerida é individualmente administrado, de acordo com o embaixador:

Muito raramente têm alguém que abusa da aguardente; se alguém passa, às vezes a pessoa fica falando bastante, mas isto não aborrece muito não! E é muito raro ocorrer!⁸

Entretanto, não se deve confundir o pícaro presente na Folia de Reis como sendo o resultado de uma mera intoxicação alcoólica. Ele tem suas próprias razões de ser. Liga-se a esfera da diversão, intrínseca a esta manifestação, onde o cômico e o sacro se complementam. A sua importância, entre outros aspectos, está expressa pela presença, entre o conjunto de foliões, de um personagem, o **Palhaço**, representados por dois ou mais foliões⁹, cujas funções ligam-se diretamente ao lúdico.

O aspecto burlesco destes foliões sobressai-se já na caracterização de sua indumentária, colorida e espalhafatosa e que inclui o uso irreverente de uma máscara. Nos

⁸ Donizete Aparecido Rodrigues – Folião.

⁹ Usualmente são sempre dois, contudo, existem grupos em que ao lado dos dois foliões jovens e/ou adultos que se vestem de Palhaços colocam-se crianças, também em duplas, caracterizadas como “Palhaços”.

dizeres de um participante da Folia, a função e o simbolismo deste personagem ligam-se ao fato de que:

Quando os Três Reis saiu; eles, os Palhaços, usavam máscaras para distrair o rei Herodes e defender o menino Jesus: então a minha função é essa. Portanto o palhaço, o que ele tem que fazer, geralmente dentro do limite é brincadeira¹⁰.

O interessante é que a indumentária espalhafatosa e o uso da máscara condicionam, comunicam e traduzem uma aceitação por parte da existência real (folião enquanto homem devoto) de uma codificação transmitida a si graças a tal utilização. A partir do momento em que veste a roupa e “coloca” a máscara ele “torna-se” palhaço e assume como seu papel promover a burla, a farsa e as brincadeiras, ainda que, simbolicamente, em prol da distração dos soldados de Herodes e da proteção do Menino Jesus. O folião-personagem assume integralmente o simbolismo atribuído à figura que passa a representar.

A adesão à indumentária e a máscara significa que o folião colocou-se a serviço das atribuições por elas condicionadas e transmitidas. A realidade altera-se e o folião passa a dar vida a uma representação (o palhaço) que dirige o sentido e o teor de suas ações. A partir daí torna-se legítimo aos foliões-palhaços realizarem as ações e brincadeiras, as quais são tacitamente vedadas a outros componentes do grupo, tais como: lutas corporais, danças eróticas, brincadeiras com animais, entre outras. E mais, esta margem de liberdade lúdica proporcionada pela indumentária e pela utilização da máscara pelos Palhaços é assumida, por eles e pelo grupo de foliões e devotos, como uma via de mão dupla. É estabelecida a liberdade para as brincadeiras dos palhaços em relação aos demais foliões e devotos e destes para com aqueles, ou seja, neste universo lúdico os foliões-palhaços ficam automaticamente submetidos ao aceite de que com eles se façam também brincadeiras e outras atitudes ligadas à sátira e ao universo lúdico.

Sob a ótica da devoção, a sacralidade do folião que exerce o papel de palhaço não é prejudicada ante o fato de o seu fazer estar ligado, necessariamente, ao riso e às brincadeiras, uma vez que, em última instância, estes se encontram à serviço do sagrado. Segundo os dizeres dos foliões, os palhaços tinham como intuito distrair os soldados de Herodes, portanto,

¹⁰ Braz Augusto Cintra – Palhaço.
Dialogando no
Turismo

as brincadeiras por eles realizadas ligavam-se à iniciativa de proteger o Menino Jesus. As atividades lúdicas e burlescas efetuadas por tais personagens durante a saída, o giro e no dia da chegada são interpretadas de acordo com esta representação e não como uma sátira, uma ofensa às pessoas e/ou aos santos.

O ponto máximo que evidencia, sob o prisma da devoção, a submissão do fazer dos Palhaços ao sagrado dá-se no ato ritualístico final da Folia de Reis, no dia da Chegada, quando ao transporem o último arco eles retiram a máscara, beijam a bandeira e enquanto os demais foliões cantam, permanecem à frente do grupo ajoelhados diante do presépio. Na fala do folião:

(...) você passou o último arco e vai entrar dentro da casa e encontrar o menino Jesus no presépio e o palhaço usava máscara para distrair o Rei Herodes, entretanto, no momento em que você vai encontrar o menino Jesus, não depende de máscara, não precisa fazer mais brincadeira, graça, aí você ajoelha-se em frente ao menino Jesus e faz a sua adoração¹¹.

Nota-se, portanto, que as atribuições relacionadas ao burlesco, incorporadas pelo folião por intermédio de uma representação simbólica (o palhaço enquanto personagem), cessam quando quem as atualiza vê-se diante do presépio, no ato final do ritual da chegada. Naquele momento ele retira a máscara, beija a bandeira e ajoelha-se para o seu ato de adoração do Menino Jesus. O pícaro submeteu-se ao sagrado, não há mais lugar para as brincadeiras, para o riso e nem para a máscara; é um momento no qual se requer reverência e seriedade, uma vez que o “palhaço” é, também, um “folião”, ou seja, ele nunca deixou de ser um devoto.

Se do ponto de vista ritualístico a adoração dos palhaços ao Deus Menino, diante do presépio, no ritual da chegada, subordina o profano ao sagrado, este ainda não é o ato final desta rica manifestação cultural religiosa popular, pois o fechamento de seu ciclo anual dá-se, na seqüência, com um grande banquete coletivo em que foliões, devotos visitados e convidados satisfazem efusivamente os seus profanos instintos da gula.

Em suma, diante do exposto fica evidente que na Folia de Reis, os componentes sagrados: bandeira, espaço e tempo circunscrevem-se e coexistem com brincadeiras, diversão, ações e gestos ligados ao riso e ao pícaro, numa interface onde, de maneira harmônica,

¹¹ Carlos Donizete Camargo - Palhaço.

integram-se os usos da aguardente a gestos piedosos e devocionais. Sem a presença do sagrado a Folia de Reis seria um bloco carnavalesco, sem os elementos profanos seria uma procissão. E a integração e imbricação entre fé, festa, devoção, diversão, brincadeira e seriedade, enfim, a interligação entre sagrado e profano que a caracteriza e constitui.

Referências

- ALVES, Rubem. **O enigma da Religião**. Campinas: Papyrus, 1988.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Sacerdotes de Viola: rituais religiosos do Catolicismo popular em São Paulo e Minas Gerais**. Petrópolis: Vozes, 1981.
- BURKE, Peter. **A Cultura Popular na Idade Moderna**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- CERTEAU, Michel. **A Cultura no Plural**. Campinas: Papyrus, 1995.
- CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1988.
- COX, Harvey. **A Festa dos Foliões: um ensaio sobre festividades e fantasias**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1974.
- DURKHEIM, Emile. **As Formas Elementares da Vida Religiosa**. São Paulo: Paulinas, 1989.
- DUVIGNAUD, Jean. **Festas e Civilizações**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983.
- ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- HEERS, Jacques. **Festa de Loucos e Carnavais**. Lisboa: Dom Quixote, 1987.
- HELLER, Agnes. **O Cotidiano e a História**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- HUNT, Lynn. **A Nova História Cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- MEYER, Marlyse. **Caminhos do imaginário no Brasil**. São Paulo: Edusp, 1993.
- MORAIS, Marieta de (org.). **História Oral**. Rio de Janeiro: Diadorim, 1994.
- MORAIS, Marieta; AMADO, Janaina. (coord.). **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira. **Variações sobre a técnica do gravador no registro da informação viva**. São Paulo: Teixeira Alves Queiroz, 1991.
- ROSENDHAL, Zeny. **Espaço e Religião: uma abordagem geográfica**. Rio de Janeiro: UERG, NEPEC, 1996.
- SANCHIS, Pierre. **Arraial: festa de um povo**. Lisboa: Dom Quixote, 1983.